

# REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 31 DE MARÇO, 1883.

N. 5.

## EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria do Centro Litterario, rua de S. Pedro 266, sobrado.

Além de todos os jornais que costumam nos visitar, e cuja relação não damos, por falta de espaço, temos a declarar que recebemos mais:

Os tres primeiros numeros da *Philomela*, elegante periodico que começou a publicar-se na Bahia.

O *Livro do Povo*, importante folha, da província do Rio Grande do Sul.

O *Distrito de Beja*, folha que se publica na cidade de Beja, Portugal.

O 1º numero da *Satyrus*, publicada por alguns socios da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez.

Agradecemos ás distintas redacções e continuaremos a mandar-lhes a nossa modesta *Revista*.

*Atlas des maladies de la peau*. Obsequiou-nos o illustrado Dr. Silva Araujo com o primeiro fasciculo de uma obra sua, que está publicando com o titulo de *Atlas des maladies de la peau*.

Occupa-se esse primeiro fasciculo com a *tricomicosis favosa*, molestia cutanea sobre a qual o estimado especialista disserta com proficiencia, apresentando para maior clareza uma perfeita chromo-lithographia, trabalho do Sr. Lopes Rodrigues.

Escolhendo a lingua francesa para publicar o resultado de suas observações e estudos o Dr. Silva Araujo, em vez de merecer censura, deve receber geraes aplausos, pois d'essa arte contribuirá para que o estrangeiro aprecie mais uma prova, de que existe verdadeiro progresso medico entre os brazileiros.

Não ha duvida de que existem tratados sobre molestias syphiliticas e cutaneas, assignados por notabilidades europeas. O livro, porém, que o Dr. Silva Araujo está imprimindo, traz um cunho por assim dizer especial, visto n'elle acharem-se registradas as modificações, que aquellas molestias soffrem no nosso paiz.

E é este o principal merecimento do presente *Atlas*, revelando-se seu autor bastante familiarizado com estudos microscopicos e outros preciosos meios de analyse.

O plano adoptado é da maior utilidade: depois de cuidadosa descrição symptomatologica, aparece tudo que de mais importante pôde constituir a parte therapeutica.

Nossos parabens ao distinto especialista.

## REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1883.

### O AR

#### COMPOSIÇÃO CHIMICA — A PHLOGISTICA

O ar foi considerado por muitos séculos como um corpo simples, como um *elemento*, isto é, formado de uma só materia e capaz de entrar na composição dos demais corpos compostos, quer misturando-se, quer combinando-se com outros corpos. O philosopho grego Heraclito, sustentava serem quatro os *elementos* ou corpos simples: o fogo, o ar, a agua e a terra, podendo se metamorphosearem mutuamente, e corroborava esta singular asserção, dizendo que sendo o fogo produzido pelo movimento, todas as forças da natureza provi-

nham do movimento; hypothese que é hoje, universalmente adoptada.

Desde Heraclito, que viveu quinhentos annos antes de nossa era, até o seculo XVIII, o ar foi considerado como um corpo simples. Antes da decomposição do ar, os sabios fundavam as hypotheses, as mais absurdas, para explicar certos phenomenos por elles constatados. Antes de descrever estas hypotheses, julgo dever fazer notar aqui a accepção em que é tomada esta palavra *phenomeno*, por ser ella mal interpretada, geralmente, por aquelles que se não dedicam ao estudo das sciencias; scientificamente fallando *phenomeno* é tudo aquillo que observamos na natureza.

Retomando, agora, o fio interrompido por esta divagação necessaria, irei mostrar qual a explicação, que davam a um dos phenomenos mais communs.

Quando se aquece qualquer metal ao ar livre elle se oxida ou enferruja-se. Para explicar este phenomeno, os chimicos de então viram-se obrigados a formularem hypotheses sobre hypotheses, entre estas hypotheses destaca-se a theoria, se bem que erronea, porém engenhosa, do habihi chimico allemão Stahl, da qual o sabio philosopho Kant dizia ser tão importante como a lei da queda dos corpos; theoria que se chamou *Phlogistica* e os seus adeptos *phlogistas*.

(Continúa).

J. C.

### VERSO E REVERSO

V<sub>I-A</sub> hontem, no baile; deslumbrava sua rara belleza magestosa, e o seu olhar de fada vaporosa, os corações gelados abrasava!

Os seus negros cabellos luzidios tinham fulvos lampejos cambiantes; e nos grilhões das tranças ondeantes, se prendiam os livres alvedrios!

Os labios, rubros ninhos de coral onde dormem as perolas de Ophir, se abrem em angelico sorrir, têm os prismas da aurora boreal!

Tem no talhe elegante e gracioso ondulações do juncu da campina que agitado pela brisa matutina, de flexivel se curva languoroso!

A cintura impalpavel, ideal, torneada por fadas invisiveis, recordava os caprichos impossiveis, dos elegantes lustres de crystal!

Seus pés eram tão breves, tão gentis, que no rodar da walsa delirante, mal se viam no vôo doudejante, como um par de travessos colybris!

Ella era a rainha: dominava em toda a magestade da belleza, que a mente juvenil levava presa nos floridos grilhões que entrelaçava

Preso, cégo, captivo, a delirar,  
quiz vél-ainda uma vez, morresse embora;  
quando a noute findou e veio a aurora,  
pude vel-a, escondido, ao despertar.

Não tinh' já cabello; as longas tranças  
tinham cahido junto do collete  
e no montão das ruínas da *toilette*  
rolavam duas tréfegas creanças!

Os olhos mal abertos e velados,  
em vez dos doces raios coruscantes  
eram mortos, sem cór, lacrimejantes,  
meios vesgos até, e embaciados!

Os labios descorados, sem contorno,  
abrindo-se em bocejos mal contidos,  
mostravam queixos nus, desguarnecidos,  
na boca funda como escuro forno.

A elegancia do talhe altivo, airoso,  
perdera-se nas cordas do espartilho,  
assim como perderam luz e brilho  
o doce olhar e o riso gracioso!

Os pés, em liberdade, eram enormes;  
chatos, sem curvas e protuberantes,  
mais pareciam plantas de gigantes  
com grandes unhas, negras e disformes!

A falla era fanhosa e esganizada:  
as faces desbotadas, salientes;  
a boca funda na viuez dos dentes,  
a cinta grossa, tosca e mal talhada!

Tive quasi um desmaio: a fantasia  
que se tinha prendido em mil feitiços,  
vio que a arte moderna dos posticos,  
põe dar a um defunto, amor, poesia!

E a minha ardente musa, soulhadora  
mergulhou na descrença a doce lyra,  
— A belleza é na terra vã mentira,  
branca nuvem gentil que se evapora!

Rio, 12 Fevereiro, 1883.

DUARTE PORTO.

## Escuta

Para que chorar?

Quando choras, minha alma a esvoaçar, como  
airoso passarinho espanejando-se ao lacrimejar da  
aurora, sobre o ramo folhudo da jaboticabeira em flor,  
banha a sua plumagem multicôr nas perolas cálidas do  
teu pranto, á luz tremula e brillante dos teus olhos a  
marejar.

Não sabes que o pranto é a consequencia da dôr e  
do sofrimento?

Choras e não vejo no teu rosto pequeno, os traços  
profundos e tristes que a dôr, que despedaça o coração,  
imprime na physionomia dos que soffrem!

Choras, e a tua fronte illuminada por uma luz des-  
conhecida, suave e odorosa, semelha a aurora a des-  
pontar rosea e lenta sob um horizonte negro a despejar,  
como teus olhos, uma torrente crystallina e pura.

Embalam-te os gorgeios harmoniosos da lyra que  
se inspira na luz suavissima, que a candura e a innocence  
fazem brilhar no teu rosto limpido e sereno,  
como o infinito sem nuvens, prateado pela sereia do  
azul: da lyra que balbucia os preludios de um poema  
bebido no doce perfume da loura madeixa que emmol-  
dura-te a cabeça de anjo!

E's feliz; rodeiam-te os carinhos do adolescente e  
da velhice—o amor da familia, e, no entanto, choras!

Antes rir.

O riso é o symbolo da paz, da alegria e do esque-  
cimento.

O riso é desprezo lançado á face da dôr.

Quando choras, aureola-te a face de anjo uma corôa  
de sombras e de lagrimas; quando ris, abre-se-me  
pelos teus labios um paraizo infinito de gozos, de do-  
curas perennes.

Quando choras, tens a belleza da Magdalena solu-  
çante e arrependida; quando ris, sinto no teu sorriso  
a divindade dos anginhos que rodearam o Christo, na  
resurreição, entoando uns canticos sagrados e melo-

diosos que, através dos seculos, ainda echoam relectos  
de poemas, sublimes de luz, no coração da humani-  
dade, que venera esse Deus, que respeita a sua lei e que  
vegeta e cresce em movimentos athletas á sombra be-  
nefica da caridade christã.

Quando choras, parece-me que as lagrimas que  
correm-te pelas faces se despenham no meu coração, e  
sinto nos meus olhos, como cedendo á varinha magica  
d'um Moysés desconhecido, brotar um pranto, filho  
desse que derramaste dentro de mim; quando ris,  
como se teu riso fosse de uma alegria contagiosa e  
expansiva, tudo ri, tudo, até a propria natureza; ;  
porque o ambiente resconde um perfume exquisito e  
doce pela infinitade de odores exhalados pelas flôres  
que se abrem.

Olha; quando teus labios coralinos e pequenos se  
entreabrem graciosos e bellos para deixarem passar um  
sorriso, esse sorriso, como o raio luminoso de uma  
alvorada magestosa, vem illuminar-me o coração, vem  
arrancar-me d'alma, estremecendo e extasiando todo o  
meu ser, harpejos que a lyra não pôde reproduzir,  
poesias que os labios não podem recitar, mas que se  
congregam e se revolvem dentro em mim, como lavas  
luctando inutilmente para subirem a cratera do volcão.

Para que choras?

Saudades da infancia?...

São a unica consolação de uma realidade do pas-  
sado.

A realidade é passageira como o sol, criança, que  
nos illumina hoje e nos deixa para derramar a sua  
fonte de luz a outros povos. E depois o que fica? A  
noite. As saudades são a noite que succede ao dia—  
realidade.

A vida, como o tempo, tambem tem quatro esta-  
ções; e tu estás agora em pleno vigor da juventude.

A estação da innocence, risonha e descuidosa, já  
passou; hoje estás na estação dos sonhos, da poesia,  
das flores e dos prados verdejantes e floridos,—na pri-  
mavera da vida!

Esquece o passado que não volta, para encararmos  
a nossa quadra ridente e floreada e, sob o calor do meu  
peito, ao fogo do sentimento grandioso que me accen-  
deste n'alma, confundamos nossas vozes e entoemos  
um hymno á primavera, ao amor, á Deus!

DUARTE PORTO JUNIOR.

MAS...

SONETO

(A ALGUEM, QUE O PEDIO)

**S**ei que és bella, sim, que és boa, amavel,  
Alegre, gentil e até não sei que mais,  
Que tens uma cintura incomparavel,  
Que o teu lugar não é entre os mortaes.

Sei que valem ouro, esses olhares  
Que despedem teus olhos seductores;  
Que valem um mundo os teus rubores,  
Que ganhas o céo, só em fallares.

Sei tudo isso, sei! Mas .. bella, escuta,  
Um enorme defeito contra tudo lucta:  
Tens um pé que presta para nada!

Inda ha dias, no baile, nós dançavamos,  
E enquanto ao prazer nos entregavamos,  
Um callo me esmagaste, bella... oh! fada!

25-3-83.

ABEL PORTO.

## Zás !

— Como é bella, meu Deus ! murmurava elle de si para si, sempre que a via, esbelta e donairosa, chegar-se á saccada, entreabrindo uns sorrisos meigos, terrios.

E o bom do Ramos, todo besuntado, encostado á uma ruma de saccos, transportava sua imaginação á paizes alegres e chimericos, onde tudo era riqueza e esplendor, festas e prazeres !

Sonhava acordado, o coitado !

A's vezes, á noite, isolado no seu aposento apertado e sem ar, depois de umas meditações prolongadas, elle interrogava ás baratas que percorriam a parede :

— O que terei eu de interessante, de sympathico e attrahente para que ella me ame tanto ? !

E atracava-se a um espelho, escolhia umas posições elegantes, compunha uns sorrisos bons, desenhava na physionomia umas expressões apaixonadas; e, preteniosamente, cofiava uns longos bigodes que ainda haviam de vir !

Depois, punha-se a meditar, formava planos, calculava as felicidades e gosos do seu futuro e tirava conclusões muito claras, logicas, positivas.

— Que tinha dezesseis annos, mais cinco — teria vinte e um ! ajuntava sorrindo; ella é muito bôa, esperaria por elle, e então se casariam com muita pompa — porque quando chegasse esse tempo elle seria negociante, e muito rico !

E ficava mais alegre, ria-se muito, deitava-se depois e dormia um sonno bom, sem sonhos.

\* \*

Uma tarde, eram horas do crepusculo, o Ramos encostou-se á porta e os seus olhos deram nos olhos d'ella...

Estava muito seductora, tinha o semblante risonho e puro, e ria-se para elle com bondade e ternura.

— Como ella me estima ! dizia o Ramos com sentimento ; sim, sempre valho alguma cousa... pois, se ella me ama tanto !

Lembrava-se dos tempos que já se foram, tinha ainda reminicencias do primeiro dia que a vira tão formosa como hoje, e, quando pensamenteava este passado de puerilidades, pareceu-lhe ouvir um — *psio* !

Instantaneamente projectou as luminosidades do seu olhar para a saccada e viu, distinguiu claramente, que ella o chamava...

— Ah ! como sou feliz ! exclamou elle dando um salto.

E, dirigindo-se pressuroso ao seu patrão, que cochilava a um canto, um pouco entrado no *verde de Bastos*, exclamou desaforadadamente :

— O' Medeiros ! á bem da minha dignidade e da minha futura posição social, não sou mais teu empregado ; tire a minha conta e o saldo remette-o á uma instituição pia...

— Patife !... Espera ahi... que eu... e o Medeiros, colérico, fazia esforços para levantar-se, mas em vão — o vinho pesava-lhe na cabeça e a obesidade desproporcional grudava-o no velho mocho.

— Ora sébo ! Vá plantar mandiocas ! Estou rico, ouviu, *seu typo* ? Vou me casar !...

E depois d'estes desabafos, o nosso Ramos poz-se na rua e galgou o pequeno lance de escadarias da habitação d'ella.

Em um minuto achava-se na presença da sua ella, mas agora muito acanhado.

Comprimentaram-se e depois de olharem-se mutuamente — ella com bondade, elle com ardor — a moça murmurou com doçura :

— Espere ahi um instantinho, nhônhô, eu volto já.

Pouco depois voltou trazendo dois pés de moleques e uma cocada, ofereceu o assucarado presente ao nosso

heróe que aceitou-o com desconfiança, franzindo um pouco as sobrancelhas.

— Estão muito bons, disse-lhe ella, foram feitos por mim.

E ajuntou com meiguice :

— Sabe, nhônhô, porque eu gosto muito de você ?

— Não senhora, respondeu elle estremecendo.

— E' porque você traz-me sempre ao pensamento uma imagem para mim immorredoura — falleceu ha annos, aqui em casa, um molequinho muito bom e a quem eu muito estimava, e de uma parecencia notavel comigo que...

O Ramos não fugiu, rolou pelas escadas.

AVELINO LISBOA.

\*\*\*\*

ELLA amava o luxo e a grandeza;

Desejava um casamento grandioso,  
Ter ricas carroagens, lauta mesa  
E habitar em palacio sumptuoso.

Passava o tempo cuidando da beleza  
A phantasiar um futuro venturoso,  
Tê que entre a esperança e a incerteza  
Deu um passo no caminho perigoso.

E outro e outro e o porvir feliz mudou ;  
De nevoas negras, tristes se toldou,  
Impellindo ao lapanar a desgraçada.

Alli, ostentou um luxo deslumbrante :  
Mas um dia perdeu a beleza fascinante,  
Indo morrer n'un hospital, abandonada.

Porto, Fevereiro, 1883.

DOMINGOS B. DE PINHO E SILVA.

## OS MARTYRES DO AMOR

Quem, aqui ha tempos, passasse á tardinha pela linha dos bonds da Tijuca, havia, por força, de indagar porque estava sempre tão pensativa, em um canto da janellinha verde d'um mimoso *chalet*, uma joven loura e cheia de vida.

Pois não eram aquellas justamente as horas escolhidas por suas companheiras para mostrarem, passeando na rua do Ouvidor, os seus novos e *chics* vestidos ?!

Todos admiravam, porem ninguem ficava sabendo o motivo da singularidade de Alice — era este o seu nome.

A' noite, quando suas collegas, sorridentes, voavam aos bailes, aos concertos e aos theatros, ella satisfazia-se em dar um passeio no jardim, condensando com o seu o delicioso e suave perfume das flores. Depois de, com um meigo olhar aumentar a luz dos astros no céo, recolhia-se, indo ao piano arrancar uma melodia tão triste como o suspiro que, de espaço em espaço, fugia-lhe do peito torturado por uma mortificante contrariedade !

Domingos, pai de Alice, sendo viudo, conservava, ou antes augmentava a fortuna que arranjou-lhe o casamento.

Deu boa e esmerada educação á filhinha, que, quanto mais se desenvolvia, tanto mais ia tornando-se encantadora.

Foi assim que Alice sentio-se predisposta a amar, ardente, sincera e desinteressadamente. Um rapaz pobre, empregado no commercio, fazendo seus passeios aos domingos pelos lados da casa de Alice, foi pouco a pouco ficando louco por ella.

Alice, levada tão sómente pelos impulsos do seu

coração, não deixou de corresponder afeiçoadamente á Armando—assim se chamava o mancebo.

Este, depois de haver consultado a Alice, dirigio-se a Domingos e pediu a filha em casamento.

Domingos, não querendo chocar tão repentinamente a filha, pois já sabia de seu amor, respondeu a Armando que ia pensar sobre o seu pedido. Armando e Alice, não comprehendendo que semelhante resposta era quasi uma negativa, esperavam e esperavam aniosamente uma decisão.

Domingos, depois de haver respondido a Armando, foi á casa onde este era empregado, e como o dono dessa casa era seu amigo, não trepidou elle em contar-lhe tudo confidentemente, pedindo que fizesse com que Armando seguisse viagem para S. Paulo, sob pretexto de negócios, para, nesse meio tempo, elle dissuadir a filha de se casar com um rapaz... pobre.

Tendo Domingos obtido um—sim—de seu amigo, voltou satisfeito á casa, dizendo á filha :

— Ora, segundo as informações que acabo de colher de pessoa muito competente, não posso consentir no teu casamento com Armando. E' um pessimo rapaz !

Tão indigno, que hoje foi expulso da casa onde era empregado, fugindo imediatamente para S. Paulo !

Alice, ao ouvir as ultimas palavras de seu pai, curvou a loura cabecinha e fugiu logo para derramar suas quentes lagrimas no fundo de seu quartinho. D'ahi por diante foi que começou a tristeza que enigmaticamente observavam os passageiros dos bonds da Tijuca.

— Domingos, pensando que a melancolia de sua filha, fosse só a vaidosa vontade de se casar, começou a propor-lhe os mais ricos casamentos. Um dia Alice lhe respondeu :

— Meu pai, eu tenho um só coração, e este de há muito está dado a Armando.

Domingos, com esta resposta, procurou resolver a questão com o seguinte meio, a que fatalmente recorreu :

Pedi a um amigo em S. Paulo que lhe escrevesse uma carta no seguinte theor, e ao mesmo tempo explicava que nenhum compromettimento havia nisso :

« Amigo Domingos.

« Não podia, mesmo que quizesse, deixar de narrar-te este lamentoso facto : foi assassinado no Hotel de... um moço que aqui chegou hontem dessa tua Corte. Pelos papeis encontrados em seu poder, verificou-se ser Armando, que viera tratar aqui de negócios commerciales de seu patrão. E' de suppor que fosse o roubo o unico movel de tão horroroso crime.

« Teu amigo,  
G... »

Como de facto, o amigo G... não hesitou em escrever a carta acima e enviar ao pai de Alice, que muito satisfeito correu a entregar-a á filha. Esta, recebeu a carta de seu pai e começou a leitura.; porem, antes de a terminar, soltou um grito angustioso e caiu desmaiada, podendo ainda murmurar :

— Adeus, meu pai, eu vou viver lá no céo com o meu querido Arman...

A ultima syllaba morreu-lhe nos labios. Alice, a gentil Alice, era morta !

Em poucos dias chegou Armando de S. Paulo, tendo concluido com admiravel velocidade os difficeis

negocios de que fôra incumbido.

Chegando, antes de tudo e de todos, procurou a casa de Alice. Bateu á porta daquelle *chalet*, onde esperava encontrar ainda o seu amor, a sua esperança e a sua vida !

Qual foi, porém, o seu espanto vendo apparecer-lhe um velho que, pelas fundas rugas do macilento rosto, dizia que alli era mesmo habitação dos mortos !

Armando reconheceu o pai de sua querida Alice, e perguntando por ella, ouvio com desespero elle, tremulando os labios, balbuciar:— morreu !

Quasi louco, perguntou onde fôra sepultada, e, com a velocidade do raio, partio para o cemiterio de S. Francisco Xavier.

Ahi entrou completamente desvairado, perguntando ao porteiro o numero da sepultura de Alice de... Este, sem prestar attenção alguma á agitação de Armando, deu-lhe o numero pedido.

Armando subiu e chegando ao tumulo ajoelhou-se, e depois de o ter por longo tempo aquecido com seus beijos e com seu copioso pranto, murmurou :

Dormes no céo, minha querida Alice,  
No leito puro de azulada cér;  
Dormes, oh! anjo, e não me vés prostrado  
Na fria terra a soluçar—anor !

Perdi a crença neste mundo ingrato,  
Toda a esperança que nasceu commigo !  
E agora morto das illusões mundanas,  
Eu vou, meu anjo, dormitar contigo.

Depois que Armando terminou a ultima estrophe, puxou do bolso um pequeno *revolver* de viagem e disparou sobre seu peito. Ouvio-se o estampido d'un tiro, e logo após o baque de um corpo.

Armando, fulminado por uma bala, acabava de tingir com seu sangue o branco tumulo de Alice !

De quando em quando, o pio mortuário de uma ou outra ave nocturna, quebrava o profundo silencio da noite !

E... nada mais.

ARNALDO DANTAS.

Corte—1883.

#### TEMOS FOME

##### SUPPLICA AOS POETAS

Insignes cavalheiros venturosos  
Das musas gentis os preferidos !  
Volvei para nós, compadecidos,  
Vossos olhos — e sede generosos.

Vede-nos que, sóis, desprotegidos,  
Tentamos com esforços valorosos,  
Decantar, em versos desmedidos,  
O poder d'uns olhos langorosos.

Soccorrei-nos, por Deus, illustres bardos.  
Vós que sois, na poesia uns *felizardos*,  
Connosco reparti *petiscos* mil.

Dae-nos sopa de *ceticas harmonias*;  
Pratos varios de *loiras phantasias*,  
E sobremesa de *manhãs d'Abri*...

25-3-83.

J. REIS.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n. 31